

**Lugares do cultivo de arroz como
paisagem cultural:
diálogos para um estudo dos
arrozais na cidade de Joinville (SC)**

**Places of rice cultivation as
cultural landscape:
dialogues for a study of rice
fields in the city of Joinville (SC)**

**Lugares de cultivo arroz como
paisaje cultural:
diálogos para un estudio de los
campos de arroz en la ciudad de
Joinville (SC)**

**Alanna Fernandes Duarte¹
Mariluci Neis Carelli²**

¹ Licenciada e bacharel em História. Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), bolsista CAPES. Membro do grupo de pesquisa Estudos Interdisciplinares em Cultura e Sustentabilidade. E-mail: alannahistoria@yahoo.com.br

² Mestre em Sociologia Política e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Coordenadora do grupo de pesquisa Estudos Interdisciplinares em Cultura e Sustentabilidade. E-mail: mariluci.carelli@gmail.com

Resumo: O arroz é um alimento que tem sido cultivado em diversos lugares do mundo ao longo do tempo. As pesquisas sobre o arroz no Brasil são geralmente analisadas sob aspectos econômicos ou agrônomos, mas pouco tem sido abordado sobre suas relações com a(s) sociedade(s), cultura(s) e o meio ambiente. Na perspectiva no campo de estudos do Patrimônio, os lugares dedicados ao cultivo do arroz podem ser compreendidos como “paisagens culturais”, que envolvem diferenciados saberes e práticas do cotidiano de inúmeras comunidades. Os “arrozais” transformam e constituem paisagens modificadas por meio da interação do homem com a natureza e os significados que nela estão imbricados. Nesse sentido, pretendemos refletir sobre a “cultura do arroz” na cidade de Joinville (SC), situada na região nordeste do Estado de Santa Catarina. Apresentamos discussões preliminares da pesquisa de dissertação, que está ligada ao grupo de pesquisas “Estudos Interdisciplinares em Cultura e Sustentabilidade” do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (MPCS) da UNIVILLE e financiada pela Capes. Esse artigo objetiva propor diálogos sobre o arroz e os “arrozais”, reconhecendo algumas das suas interações com a formação da paisagem da cidade de Joinville (SC).

Palavras-chave: Paisagem; cultivo de arroz; Patrimônio Cultural

Abstract: Rice is a food that has been grown in various places of the world over time. Research on rice in Brazil is generally analyzed under economic or agronomic aspects, but little has been discussed about its relations with the society (s), culture (s) and the environment. From a perspective in the field of heritage studies, places dedicated to rice cultivation can be understood as “cultural landscapes”, which involve different knowledges and daily practices of countless communities. The “rice fields” transform and constitute modified landscapes through the interaction of man with nature and the meanings that are imbricated in it. In this sense, we intend to reflect on the “rice culture” in the city of Joinville (SC), located in the northeast region of the State of Santa Catarina. We present preliminary discussions of the dissertation research, which is linked to the research group “Interdisciplinary Studies in Culture and Sustainability” of the Program of Masters in Cultural Heritage and Society (MPCS) of UNIVILLE and financed by Capes. This article aims to propose dialogues about rice and “rice fields”, recognizing some of their interactions with the landscape formation of the city of Joinville (SC).

Keywords: Landscape; Rice cultivation; Cultural heritage

Resumen: El arroz es un alimento que ha sido cultivada en muchas partes del mundo con el tiempo. La investigación sobre el arroz en Brasil suelen ser analizada desde los aspectos económicos o agrónomos, pero poco se ha discutido acerca de sus relaciones con la (s) empresa (s), la cultura (s) y el medio ambiente. En la perspectiva en el campo del patrimonio del estudio, los lugares dedicados al cultivo de arroz se pueden entender como “paisajes culturales” que implican diferenciados conocimiento y la práctica de muchas comunidades todos los días. Los “campos de arroz” y transformar los paisajes son modificados por la interacción del hombre con la naturaleza y los significados que se entrelazan en el mismo. Tenemos la intención de reflexionar sobre la “cultura del arroz” en la ciudad de Joinville (SC), situada en el noreste del Estado de Santa Catarina. Presentamos discusiones preliminares de la investigación de la disertación, de la investigación de la disertación, que está vinculada al grupo de investigación “Estudios Interdisciplinarios en Cultura y Sustentabilidad” El programa del Master en Patrimonio Cultural y Sociedad (MPCS) de UNIVILLE y financiado por la Capes. Este artículo tiene como objetivo proponer diálogos para el arroz y “arrozales”, reconociendo algunas de sus interacciones con el paisaje de la formación de la ciudad de Joinville (SC).

Palabras clave: Paisaje; el cultivo de arroz; Patrimonio cultural

INTRODUÇÃO

Os lugares de cultivo do arroz fazem parte das atividades dos homens e das suas relações com a natureza em diferentes paisagens do mundo. É comum encontrar pesquisas relacionadas ao arroz a partir de análises técnicas, dedicadas à economia, agronomia, ou outras áreas afins, considerando que ainda existem poucos estudos dedicados a reconhecer as relações do arroz com o cotidiano local e as sociedades que o cultivam. Uma crescente valorização da Paisagem no campo de estudos do Patrimônio Cultural propiciou a inscrição de alguns dos lugares dedicados ao cultivo do arroz enquanto “Paisagem Cultural” para a UNESCO. Nesse artigo buscamos compreender os lugares do cultivo de arroz como “paisagens culturais” com o intuito estabelecer diálogos sobre os “arrozais” na paisagem da cidade de Joinville (SC).

TERRAÇOS DE ARROZ COMO PAISAGEM CULTURAL

Estudos sobre a “Paisagem” foram destacados nos campos da Geografia e a Arte, mas considerando a sua polissemia, cada vez mais também tem recebido a atenção na História, Arquitetura, Sociologia entre outras áreas de pesquisa. Carl Sauer, é compreendido como um dos percussores da paisagem na Geografia Cultural, em seus estudos destaca que, “[...] a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (CORRÊA & ROSENDAHL, 1998, p. 9). Nas últimas décadas do século XX a categoria de “Paisagem cultural” tem recebido novas considerações, compreendendo como uma noção mais ampla sobre o que se atribui enquanto “patrimônio”, ao contemplar suas dimensões materiais e “intangíveis” diante das relações entre as sociedades e natureza (RIBEIRO, 2007).

São diferenciadas as “paisagens culturais” que já foram inscritas na Lista do Patrimônio Mundial³ principalmente a partir década de 1990⁴, como o Parque Nacional Uluru-Kata Tjuta na Austrália e os Jardins Botânicos Reais da Inglaterra (ARAÚJO, 2009). Algumas “paisagens rurais” também foram incluídas, como a “paisagens vinícolas” de Saint Emilion na França e as “paisagens cafeeiras” da Colômbia. Assim como “Paisagens do arroz”, como o caso dos “terraços” das Filipinas e, mais recentemente de Long Hani na China, reconhecidas como “Paisagem Cultural” pela UNESCO.

Figura 1: Terraços de arroz nas Filipinas



Fonte: Araújo (2009).

³ Ribeiro (2008) ao analisar a “Paisagem” a partir dos processos de valorização de bens patrimoniais no Brasil pelo IPHAN e UNESCO, destaca que essa a noção de “Paisagem” em registros de patrimonialização tem sido variada e transformada ao longo do tempo por essas Instituições.

⁴ Especialmente após a 16ª sessão do Comitê do Patrimônio Mundial em 14 de dezembro de 1992, realizada em Santa Fé, Estados Unidos.

Segundo Guilherme Araújo (2009), desde 1995 os terraços de arroz das Filipinas (Figura 1) são considerados “Paisagem Cultural” pela UNESCO. Na sua inclusão pela Instituição foram elencados os critérios da categoria como “Paisagem evoluída organicamente”, reconhecendo-a também como “paisagens culturais em continuidade”. Com sua inclusão buscava valorizar uma “paisagem milenar” como resultado “combinado dos trabalhos do homem e a natureza”, onde os campos de arroz,

[...] fruto do conhecimento transmitido de uma geração para a outra, das tradições sagradas e da expressão de um delicado equilíbrio social, que têm ajudado a criar uma paisagem de grande beleza, que exprime a harmonia entre o homem e o meio ambiente [...]. (ARAÚJO, 2009, p. 35-36).

No alto das montanhas esses terraços são feitos seguindo os contornos da paisagem natural, e assim como o respeito às fronteiras, nas práticas de cultivo são realizadas observando os ciclos lunares, que norteiam as atividades de plantio, colheita, à conservação do solo (ARAÚJO, 2009). Para os terraços de arroz, é manejada uma variedade de espécies locais, assim como na sua prática estão imbricados rituais diferenciados para cada ciclo do seu cultivo. Nesse sentido, não somente como uma manifestação “material” das atividades de cultivo do arroz na paisagem, como “paisagem viva e contínua”, cabe pontuar que na sua valoração como bem cultural considerou-se que são diferenciados os saberes e práticas locais. Ao incluir na Lista Mundial uma comunidade de cultivo do arroz nas Filipinas buscou-se considerar que,

[...] os terraços de arroz de Ifugao sintetizariam a junção perfeita do ambiente sociocultural, econômico, religioso e político, ao mesmo tempo em que é uma paisagem cultural de beleza única. A conservação destes terraços reflete a necessidade de uma abordagem cooperativa de toda a comunidade e é baseado num conhecimento detalhado da rica diversidade biológica existente na região, assim como deste complexo sistema de agricultura. (ARAÚJO, 2009, p. 36)

Os “terraços de arroz das Filipinas” são representativos para uma valoração de paisagens da agricultura e modos de vidas associados ao “mundo rural”. Entretanto, somente a inclusão dessas “paisagens culturais” pela Instituição não necessariamente significa a sua preservação, como o caso dos terraços de arroz nas Filipinas. Podemos refletir sobre essas iniciativas que buscam “uma universalização do patrimônio”, como um recurso para os tempos de crise, num mundo em constantes transformações (HARTOG, 2006). Nas práticas de inclusão da UNESCO de lugares cultivo do arroz como “paisagem cultural” se reflete intencionalidades de preservação ou mesmo de valoração como patrimônio, diante da ameaça de descontinuidade dessas práticas no cotidiano e na paisagem das comunidades. Tanto que, em 2001 os terraços de arroz foram inscritos também na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, seja pela descontinuidade de algumas práticas pela comunidade, como pelo acelerado processo de enobrecimento do turismo local. Segundo Ulpiano Bezerra de Menezes (2002) também se faz necessário notar que,

[...] muitas vezes a consideração da paisagem como patrimônio se fez pelo processo da monumentalização. A monumentalização toma elementos da paisagem e os transforma em fetiches, por assim dizer sacralizados, dotados de valores próprios, como se fossem autônomos, imutáveis, independentes das contingências da vida sociocultural. Independentemente, também do próprio contexto ambiental. (MENESES, 2002, p. 50).

Figura 2: Terraços de arroz em Long Hani



Fonte: <http://guiaviajarmelhor.com.br/os-incriveis-terraços-de-arroz-em-honghe-hani-na-china/>

Em Long Hani na China (Figura 2), terraços de arroz foram incluídos na Lista do Patrimônio Mundial⁵ a partir da conferência realizada em Camboja em junho de 2013. Para próxima Conferência Mundial, está prevista a apresentação do Governo da China sobre um plano de preservação e a inclusão da população local no processo de gestão da paisagem cultural dos “terraços de arroz de Long Hani”. Também associados como “paisagens rurais”, os “lugares de cultivo” como o caso dos terraços de arroz, podem ser pensados enquanto processos que envolvem uma paisagem ativa, associando diferenciados “modos de fazer” e viver de comunidades em pleno desenvolvimento. Contudo, como observa Rafael Ribeiro (2007), também é preciso considerar e problematizar os processos de atribuição de valores à essas “paisagens” e “bens culturais”, compreendendo que a própria noção de “Paisagem” e “Patrimônio Cultural” são também socialmente construídas e sujeitas a transformação.

OS ARROZAIIS EM JOINVILLE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O arroz e os “os arrozais” estão presentes na economia, alimentação e cotidiano de inúmeras localidades do Brasil. A região sul é a principal produtora de arroz, que destaca o Estado do Rio Grande do Sul como primeiro, e o Estado Santa Catarina o segundo maior produtor nacional (ROCHA, 2011). Nesse artigo buscamos estabelecer diálogos sobre os “arrozais” e as suas relações com a paisagem de Joinville⁶, cidade localizada na região nordeste de Santa Catarina.

Como ponto de partida, foram elencadas algumas das fontes escritas que referem ao arroz na história local, com o intuito de discutir algumas narrativas e representações sobre o seu cultivo na paisagem da cidade. Por meio de diferentes discursos podemos identificar que é comum associações sobre o cultivo do arroz destacando-o como parte das atividades dos “italianos” na cidade, especialmente a partir da memória de agricultores que migraram do Vale do Itajaí para Joinville no século XX. Contudo, há narrativas sobre o plantio do arroz desde as primeiras décadas de formação da então “Colônia Dona Francisca”, no final do século XIX⁷.

⁵ Vide em: <http://whc.unesco.org/en/news/1044/>

⁶ Na paisagem da região nordeste catarinense, a cidade de Joinville está situada ao lado de São Francisco do Sul e a Baía da Babilonga.

⁷ A dissertação de Denise Aparecida da Silva (2004) indica que o arroz era um alimento relevante a Freguesia de São Francisco, cultivado por meio do trabalho de “lusos” e africanos escravizados.

Figura 3- Localização de Joinville – SC

Fonte: Google Maps (2016), adaptado.

No contexto de promulgação da Lei de Terras de 1850, a criação da “Colônia Dona Francisca”⁸ foi projetada em proximidade com a localidade de São Francisco do Sul⁹ e a Baía da Babitonga. Buscava-se incentivar a demarcação e a comercialização de terras principalmente para imigrantes europeus¹⁰, mediante a contratação de uma “empresa colonizadora estrangeira”, a Sociedade Colonizadora de Hamburgo (FICKER, 2008). Em alguns documentos escritos desse período é possível encontrar referências ao cultivo do arroz já nos primeiros anos de formação da paisagem da “colônia”, como relata Theodor Rodowicks-Oswiecimsky no ano de 1853. Ao descrever sobre a região oeste da cidade; considerou que,

[...] Para o lado onde ficam o Rio Piray-Piranga e a sua desembocadura na Lagoa Bonita, o terreno vai se tornando intransponível. [...] Para a cultura, poderá ser aproveitada alguma parte destas terras, principalmente para o arroz e em alguns trechos, depois que o capim tome de pé, para pastos [...] (RODOWICKS-OSWIECIMSKY, 1992, p. 65).

Nesse documento o imigrante prussiano buscou reconhecer e registrar acerca de áreas já ocupadas pelos imigrantes e as possibilidades de cultivos na paisagem. Para as atividades do cultivo de arroz, Rodowicks-Oswiecimsky faz algumas sugestões como a instalação de engenhos e noções de cultivo a fim de incentivar esse tipo de empreendimento na paisagem da Colônia Dona Francisca. Sobre a agricultura também considerou uma extensão áreas “férteis” mas, também de manguezais na paisagem local, assim, “[...] *Se presta para quase*

⁸ Anteriormente a formação de Joinville (SC), a paisagem regional era reconhecida pelo Império como “terras dotais”, que foram doadas por Dom Pedro II à sua irmã Princesa Francisca e o seu esposo francês, “príncipe de Joinville”. A partir do ano de 1849, parte dessas terras foram vendidas a uma “empresa colonizadora” a Sociedade Colonizadora de Hamburgo para o incentivo a imigração e a criação de uma “colônia”. Vide em Ficker (2008).

⁹ Cabe ressaltar que na Baía da Babitonga e nos arredores da então Freguesia de São Francisco, o cultivo de arroz já fazia parte das mais atividades agricultura local. Segundo Silva (2004) em Francisco do Sul o comércio era centrado principalmente na mandioca, seguido da cana para a fabricação de cachaça, considerando a produção de arroz e milho era menor comparado à esses alimentos. .

¹⁰ Imigrantes provenientes de diferentes nacionalidades da Europa, tais como germânicos, prussianos, suíços, belgas, entre outros (FICKER, 2008).

todas as culturas, principalmente para a cana, milho, arroz, [...] e é um excelente chão para a manutenção de hortas” (OSWIESCIMSKY, 1992, p. 67).

Outro documento que provoca reflexões acerca da relevância que esse tipo de cultivo poderia ter para os imigrantes nesse contexto foi transcrito na obra “Joinville- Os pioneiros”. No ano de 1865 o imigrante Carl Bauer escreve sobre as plantações de arroz que estava sendo empreendidas na paisagem da “Colônia”. Segundo Bauer (BÖBEL & THIAGO, 2010, p. 421), “Podem agora exclamar, alegremente, os colonos de Dona Francisca, já que [...] *sabem agora o que devem plantar. O mais importante é a pecuária e a plantação de arroz* [...]”.

O arroz também foi apresentado na ocasião da “Primeira Exposição Agrícola e Industrial de Joinville”, realizada durante o mês de agosto de 1874. A exposição foi divulgada no Jornal Kolonie Zeitung onde se publicou algumas das variedades de produtos que eram apresentadas por empreendedores da localidade (HERKENHOFF, 1987). Ao ser apresentado nessa ocasião, o arroz foi elencado como uma das principais atividades da agricultura que estavam sendo realizadas, em meio aos discursos de enaltecimento sobre o “progresso” do trabalho dos imigrantes europeus na paisagem local. Nesse contexto, a Exposição representava um importante evento regional¹¹ que tinha o intuito de evidenciar as principais atividades para demonstrar um desenvolvimento econômico (CUNHA, 2008).

As paisagens de cultivo do arroz na cidade de Joinville podem ser identificadas em diferentes bairros em Joinville. No artigo¹² buscamos estabelecer diálogos sobre “arrozais”, especialmente na paisagem do bairro Vila Nova, localizado ao oeste do município. Essa região que corresponde ao bairro faz parte da bacia hidrográfica do Rio Piraí, onde se concentra a maior parte das áreas atualmente dedicadas a rizicultura da cidade (COELHO, 2010).

Ilanil Coelho (2010) e Tales Vicenzi (2012) interrogaram sobre algumas das maneiras de se “rememorar” práticas do cotidiano e as migrações no bairro Vila Nova. Os autores indicam que a “Festa do Arroz” é associada às festividades e processos de significação das migrações “italianas” na cidade. A festa do Arroz teria iniciado na década de 1980, e assim como as demais festas que acontecem anualmente no bairro, é umas das festividades que expressa algumas “necessidades de ancorar lembranças de um lugar em transformação” .

Vicenzi (2012) analisa uma publicação da década de 1990 do jornal “A Notícia” que buscava apresentar o bairro Vila Nova e seu o crescimento populacional, identificando na reportagem considerações e fotografias que buscavam construir uma imagem do bairro de valorização às diversas atividades locais, ressaltando que trata-se de uma região que “desde a chegada dos primeiros imigrantes” se caracterizou como um “importante celeiro produtivo” para a cidade. O autor identifica que,

[...] imagens se integram aos inúmeros discursos produzidos sobre o bairro Vila Nova, um local não tão distante do centro da cidade, porém que abriga cachoeiras, montanhas, campos de arroz, enfim, toda a ambientação rural, a natureza preservada, um espaço de encantamento e esperanças (VICENZI, 2012, p. 31).

¹¹ Segundo Dilney Cunha (2008), é preciso considerar que por meio desses discursos publicados sobre a Exposição procurava-se também exaltar o “trabalho” de grupos germânicos na Colônia a partir das construções da buscavam representar a figura do “imigrante” como “desbravador da floresta” e a memória “dos pais fundadores” que cultivavam práticas da “Kultur alemã”.

¹² Além das fontes aqui elencadas, também foram analisados outros documentos escritos que referem acerca do cultivo do arroz no contexto de formação da paisagem da “Colônia”, que podem ser importantes fontes de pesquisa para os estudos desse tipo de cultivo na história local.

É possível reconhecer nessas festividades estratégias que buscavam uma valorização do bairro apresentando sua diversidade por meio de uma variada gastronomia onde estão imbricados diferentes processos de identificações¹³,

[...] na Festa do Colono são servidos marreco recheado, repolho roxo, entre outros pratos. Na Festa da Polenta, como o próprio nome já anuncia, há polenta, frango caipira e massas. Na Festa do Arroz, encontram-se pratos à base de arroz, como lasanhas, pastéis, nhoques etc. Por fim, a Festa da Banana conta com lasanhas e outras iguarias, tendo como base a banana. Com exceção da Festa do Colono, as demais festas têm no prato principal o caráter distintivo de suas celebrações (VICENZI, 2012, p. 44).

São destacados aspectos do bairro, representado como “singular” em que o meio rural se contrasta ao urbano, representando-o enquanto “um lugar idílico” onde nos discursos são associadas memórias e “tradições” da história local. Assim, “[...] *arrozais, antigas casas, - delícias da culinária colonial, típica da região, e belezas naturais são elementos articulados que intencionam suscitar um sentimento nostálgico em relação a um lugar [...]*” (VICENZI, 2012, p. 31). Na medida em que,

[...] o bairro Vila Nova nos últimos anos sofreu alterações de várias ordens, entretanto as representações inscrevem-no como uma espécie de recanto tradicional no conjunto do território urbano. [...]. Aqueles que se dispusessem a visitar o bairro teriam a chance de encontrar um pouco daquilo que todos gostariam de ter, um contato caloroso com a comunidade, não uma comunidade tangível, e sim uma idealização dela. (VICENZI, 2012, p. 36).

No artigo “A patrimonialização do meio rural em Joinville”, Gustavo Grein e Ilanil Coelho (2013), analisam o conjunto de publicações da série intitulada “Os Fundões de Joinville” divulgadas no Jornal “Notícias do Dia” no ano 2011. Segundo os autores nessas publicações foram apresentadas localidades e estradas rurais da cidade, apontando algumas de suas transformações, como o caso da paisagem da “Estrada do Piraí” no bairro Vila Nova, “[...] Para os moradores locais que ainda se dedicam a agricultura familiar, viver a partir de ganhos advindos do campo é uma forma de resistência à tentação de vender as propriedades” (GREIN & COELHO, 2013, p. 06).

Nos últimos anos diversas áreas têm sido transformadas em chácaras para pessoas que buscam o lazer em lugares “rurais” na cidade (GREIN & COELHO, 2013). Para os autores, no processo de valorização do patrimônio rural de Joinville há um crescimento do “turismo rural”, ao mesmo tempo em que na contemporaneidade da cidade, também é possível constatar as atividades ligadas à agricultura familiar tem sido reduzidas com a “falta de mão de obra” na cidade, ocasionando a,

[...] venda de propriedades rurais para fins de lazer, buscamos compreender como esse processo se configura em uma patrimonialização do rural e como isso avança sobre as demarcações conceituais do que até então vinha sendo entendido como o meio rural de Joinville pelos documentos oficiais (GREIN & COELHO, 2013, p. 07).

¹³ Segundo Vicenzi (2012) nas festas rurais que acontecem anualmente no bairro podem ser identificadas narrativas de enaltecimento de uma identificação e diferenciação étnica na cidade, em referência a um passado romântico associado a memória da imigração.

Num processo de urbanização do bairro Vila Nova são aceleradas as transformações em áreas que anteriormente eram caracterizadas como “arrozais”, que têm sido alteradas ou parcialmente vendidas para a construção de loteamentos e geminados, como o caso do “Condomínio Vila Germânica” (Figura 4), situado entre a Rodovia do Arroz e a Estrada Blumenau¹⁴.

Figura 4- O condomínio e os arrozais



Fonte: Duarte, A. F. (2016)

A partir da perspectiva de um estudo da “paisagem” do cultivo do arroz na cidade de Joinville, compreendemos que sua presença consiste por meio de diferenciados sujeitos e das suas expectativas sobre a paisagem. Sendo possível reconhecer na história local, diferentes “paisagens” e experiências de cultivo de arroz que fazem parte do processo de transformação dos lugares e da cidade.

Figura 5 – O cultivo do arroz e as aves na paisagem local



Fonte: Duarte, A. F. (2016).

¹⁴ Vicenzi (2012) indica um enaltecimento à etnicidade na escolha do próprio nome do Condomínio “Vila Germânica”. Cabe considerar que foram construídos 12 blocos com 48 apartamentos e após a sua construção outros condomínios estão em construção no bairro Vila Nova, especialmente após a abertura do “Binário”, rua que faz ligação de retorno ao centro e outras localidades.

Outra dimensão importante acerca dos arrozais na cidade é a consideração de que essas paisagens não se constituem apenas sob “a vista” do homem, mas envolvem também suas sensibilidades, aquele que o circunda, assim como aquilo que não o vê, em um “mundo em fluxo” (INGOLD, 2012). Nesse sentido, partimos da perspectiva de Tim Ingold (2012), considerando a dinamicidade das “coisas” e os seus “emaranhados” onde se discorre a vida sobre a terra. Como o autor enfatiza, ainda que seja na,

[...] superfície asfaltada, atacada por raízes por baixo e pela ação do vento, chuva e geadas por cima, eventualmente racha e se espedaça, permitindo às plantas crescerem através dela para se misturarem e se ligarem novamente à luz, ao ar e à umidade da atmosfera. Onde quer que olhemos, os materiais ativos da vida estão vencendo a mão morta da materialidade que tenta tolhê-los (INGOLD, 2012, p. 37).

Ao ser cultivado como alimento exótico, o processo de inserção do arroz nas paisagens conseqüentemente disputa espaços com a fauna e flora nativa para a produção agrícola local. Segundo Donald Worster (2003), foi através da inserção de diferenciadas práticas de cultivo que as sociedades também alteraram significativamente os saberes e práticas dos agricultores sobre as paisagens locais, bem como o seu sistema agroecológico. Como alimento direcionado como uma das principais atividades da policultura na paisagem da cidade, a sua introdução cíclica tem como objetivo preparar e “domesticar” a terra, por meio de insumo com o intuito eliminar “pragas” e “parasitas”, como outros sujeitos que são indesejáveis para o desenvolvimento do seu cultivo. Ao mesmo tempo em que a própria relação de trabalho humano na terra se correlaciona com outras espécies, como as aves, atraídas pela diversidade de alimentos desse ecossistema na paisagem local.

Nos “arrozais” podemos reconhecer que há diferenciações em cada ciclo do arroz, tal como são diferenciadas as experiências dos sujeitos que o cultivam na paisagem. “Lugares de cultivo do arroz” são constituídos para além das intencionalidades humanas; sendo também sujeitos as próprias leis da natureza (WORSTER, 2003). Tal como observa Paul Claval (2007) nas atividades e lugares da agricultura é a paisagem dinâmica e socialmente construída (CLAVAL, 2007). Nesse sentido, os “arrozais” são parte que integra a uma paisagem dinâmica, e podem ser compreendidas sobre diferentes temporalidades, diante das mais diversas “paisagens do arroz”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das fontes escritas elencadas nesse artigo foi possível identificar alguns dos pressupostos para pensar os lugares do cultivo de arroz como “paisagens culturais”. Em Joinville, o cultivo de arroz e os “arrozais” fazem parte da paisagem local em diferentes momentos da história da cidade. Documentos escritos no contexto da “Colônia Dona Francisca” buscaram registrar algumas das iniciativas e intencionalidades sobre o arroz entre outras práticas agrícolas que buscavam cultivar na paisagem local.

Cada vez mais os arrozais no bairro Vila Nova estão sendo associados ao turismo rural e às identificações étnicas sobre a paisagem local. Contudo, mais do que reivindicar uma etnicidade sobre a “paisagem dos arrozais”, cabe considerar que os lugares de cultivo do arroz fazem parte da história local, e ao longo do tempo tem sido praticada por meio diferentes sujeitos, grupos sociais e temporalidades. Através de trabalhos publicados por autores locais buscamos dialogar sobre algumas dessas transformações, que perpassam o período da Colônia Dona Francisca e as posteriores migrações de descendentes de italianos de outras localidades do século XX. Outros aspectos poderiam ser considerados acerca

das relações do cultivo do arroz, nos limites do artigo buscamos estabelecer diálogos acerca dos “arrozais” e as suas interações na paisagem da cidade.

Os lugares dedicados ao cultivo do arroz podem ser considerados como “paisagens culturais”, mais que lugares para o cultivo da agricultura, os lugares do cultivo do arroz são paisagens diferenciadas, que compõem um “emaranhado de coisas” e seus significados vão além das intencionalidades das sociedades. Cada grupo ou sociedade tem suas experiências, saberes e práticas singulares imbricadas sobre o cultivo de arroz. Concomitante a essas relações, em cada um desses “arrozais”, além das iniciativas de plantio do homem, há sua interação com as próprias dinâmicas da natureza e tudo aquilo que nela está imbricada, constituindo assim uma “paisagem”.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Guilherme Maciel. Paisagem: um conceito inovador. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Paisagem cultural e sustentabilidade**. Belo Horizonte: IEDS, UFMG, 2009.

BÖBEL, Maria Tereza. THIAGO, Raquel. **Joinville: os pioneiros, documento e história**. Joinville: UNIVILLE, 2001.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2007.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante** (Joinville, 1980-2010). Tese de Doutorado em História na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2010.

CUNHA, Dilney. **História do trabalho em Joinville: gênese**. Joinville: Toda Letra & Nova Letra, 2008.

FICKER, Carlos. **História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. Joinville: Letradágua, 2008.

GREIN, Gustavo. COELHO, Ilanil. **Os movimentos migratórios e a espacialização do rural em Joinville (SC)**. Anais do 3º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações. Florianópolis: UFSC, 2014.

18

_____. **A patrimonialização do meio rural em Joinville**. Anais do I Simpósio Do Patrimônio Cultural de Santa Catarina - “Patrimônio Cultural: Saberes e Fazeres Partilhados”, Florianópolis: 21 e 22 de novembro de 2013

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006.

HERKENHOFF, Elly. **Era uma vez um simples caminho: fragmentos da história de Joinville**. Joinville: Fundação Cultura de Joinville, 1987.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo. (Orgs) **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. **A colônia Dona Francisca no sul do Brasil**. (Tradução em português do original em alemão, de 1853). Joinville: FCC, 1992

ROCHA, Fernando Goulart. **Cultivo de arroz irrigado na região sul de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

RIBEIRO. Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Brasília: IPHAN, 2007.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2.ed, 2004.

SILVA, Denise Aparecida da. **“Plantadores de raízes”**: escravidão e compadrio nas Freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville (1845-1888). Dissertação de mestrado em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2004.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. História das Paisagens. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VICENZI, Tales. **Festas rurais do bairro Vila Nova e seus processos de identificação**. Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Joinville: UNIVILLE. 2012.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente e Sociedade**, São Paulo, v. 5. N. 2, p. 23-44, 2003.

SITES CONSULTADOS:

<<http://guiaviajarmelhor.com.br/os-incriveis-terracos-de-arroz-em-honghe-hani-na-china>>, acesso em maio de 2016.

< <http://whc.unesco.org/en/news/1044/>>, acesso em maio de 2016.